

A sociologia cultural de Pierre Bourdieu: Uma ciência do incômodo¹

RESUMO

Sergio Pastormerlo
spastormerlo@gmail.com
Universidad Nacional de La Plata,
La Plata, Argentina.

“Foucault, Derrida, Deleuze & Co.” é uma série que leva a pensar que Bourdieu não fazia parte dessa companhia. Mas, para além dos rótulos (Teoria francesa, Filosofia francesa, etc.), é evidente que Bourdieu fazia parte de um prestigioso cânone teórico parisiense que chegamos a chamar, sem adjetivos, “a Teoria”. E que, ao mesmo tempo, ocupou ali um lugar deliberadamente excêntrico. Descreveria esse cânone como o cânone de uma plêiade intelectual vanguardista que começou nos anos de 1950, mas que ganhou força nos anos de 1960, inseparável da última vanguarda literária francesa, o *Nouveau Roman*, e da revista *Tel Quel*. E trataria de explicar o lugar excêntrico de Bourdieu por sua relação com a filosofia (no início da sua trajetória se desviou da filosofia), mas principalmente por sua relação com a literatura. Bourdieu fazia parte e ao mesmo tempo ocupava um lugar à parte na Teoria porque seu projeto intelectual era um projeto científico.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria literária. Teoria Francesa. Pierre Bourdieu.

“Foucault, Derrida, Deleuze & Co.” é uma série que leva a pensar que Bourdieu não fazia parte dessa companhia. Mas, para além dos rótulos (Teoria francesa, Filosofia francesa, etc.), é evidente que Bourdieu fazia parte de um prestigioso cânone teórico parisiense que chegamos a chamar, sem adjetivos, “a Teoria”. E que, ao mesmo tempo, ocupou ali um lugar deliberadamente excêntrico.

Descreveria esse cânone como o cânone de uma plêiade intelectual vanguardista que começou nos anos de 1950, mas que ganhou força nos anos de 1960, inseparável da última vanguarda literária francesa, o *Nouveau Roman*, e da revista *Tel Quel*. E trataria de explicar o lugar excêntrico de Bourdieu por sua relação com a filosofia (no início da sua trajetória se desviou da filosofia), mas principalmente por sua relação com a literatura. Bourdieu fazia parte e ao mesmo tempo ocupava um lugar à parte na Teoria porque seu projeto intelectual era um projeto científico.

Escolhi o subtítulo, “Uma ciência do incômodo”, pensando em *Questões da sociologia*, um livro de 1980 que reúne entrevistas e intervenções. Bourdieu estava alcançando uma consagração tardia e apareciam seus primeiros grandes livros: nesse mesmo ano publicou *O senso prático*; no ano anterior havia publicado *A Distinção: crítica social do julgamento*. *Questões de Sociologia* inclui uma longa entrevista intitulada “Uma ciência que incomoda”. Cada uma das mais de vinte perguntas do entrevistador, que era um professor de epistemologia, questionava a condição científica que Bourdieu atribuía à sua sociologia. Por que o senhor sente a necessidade de reivindicar seu caráter científico? O senhor não se vê obrigado a fazer perguntas que os cientistas não fazem? Pode a sociologia permanecer à margem das lutas que se desprendem em uma sociedade e ser objetiva? Todas as perguntas eram desse gênero.

Bourdieu oferecia respostas que, no geral, eram de ordem epistemológica: se a sociologia contava com um sistema coerente de hipóteses, de conceitos, de métodos de verificação, tudo que se atribui à ciência, então por que não a chamar de ciência? Mas em um ponto da entrevista, recorreu também ao argumento que acabaria por dar origem ao título. Se na hora de aprovar as credenciais científicas da sociologia, dizia, somos tão exigentes (mais exigentes do que em outros casos: a história, a etnologia, a filologia), é porque se trata de uma ciência que incomoda, uma ciência crítica que busca compreender o mundo social, começando pelo poder. Não há poder que não deva uma parte importante de sua eficácia ao desconhecimento dos mecanismos em que se baseia, e a função social da sociologia consiste na sua capacidade de revelar verdades ocultas ou reprimidas. Uma forma de se livrar das verdades incômodas é dizer que elas não são científicas, o que significa que são “políticas”.

A sociologia cultural de Bourdieu poderia ser bem pensada no quadro da história das relações entre a literatura e a ciência. Ou, mais precisamente, das relações entre a cultura literária e a cultura científica. Em 1959, C.P. Snow publicou em livro uma conferência, desse mesmo ano, intitulada *As duas culturas* (1995). Snow era físico e romancista britânico. E tinha a certeza de pertencer a dois mundos sociais diferentes, cada vez mais separados e em desacordo entre si. Em uma reunião social, dizia, não saber que *Hamlet* era uma tragédia de Shakespeare era decididamente pior que ignorar a segunda lei da termodinâmica. Para Snow, os “intelectuais literários” acreditavam que a sua cultura, a “cultura tradicional”, era toda a cultura, e cada vez mais se permitiam ignorar a cultura científica. Os “intelectuais literários” eram luditas que seguiam sem aceitar a Revolução

Industrial. Snow deixava claro de que lado estava: era físico e romancista, nessa ordem.

A história das diferenças (nos dois sentidos: também como desacordo ou disputa) entre a cultura literária e a cultura científica é relativamente breve. Parece emergir na segunda metade do século XIX. Segundo o Dicionário Oxford, o uso do termo *ciência* restrito às ciências naturais não é anterior à década de 1860. Inicialmente, como se vê no naturalismo de Zola, a literatura soube usar os recentes prestígios das ciências naturais (mas mais especificamente das ciências biológicas, e especialmente da medicina, ou mesmo da fisiologia) para impor uma de suas grandes rupturas ou revoluções. Snow discutiu com F. R. Leavis, um dos mais importantes críticos ingleses daqueles anos. Mas muito antes, em 1882, Matthew Arnold havia proferido sua conferência “Literatura e ciência” em resposta a outra conferência na qual havia sido aludido, “Ciência e cultura”, proferida por T. H. Huxley (não o nosso Huxley, mas o outro, o avô, o biólogo contemporâneo de Darwin e defensor de sua teoria). E acredito que todos lembramos de algo mais recente e conhecido, o chamado *affaire Sokal* (1996).

Comparado com esses três casos, que pertencem ao mundo de língua inglesa, Bourdieu protagonizou um episódio talvez ainda mais significativo nessa história de diferenças entre duas culturas. Sua trajetória foi a de um *intelectual cientista*. Dos dois lados da sociologia, o científico e o literário, Bourdieu escolheu o primeiro. E sua sociologia, embora tenha tratado de diversos temas, foi uma sociologia da cultura entendida como alta cultura: o mundo intelectual, acadêmico, literário, artístico. Esse projeto começou em meados da década de 1960 com a publicação de três livros escritos em colaboração: *Os herdeiros: os estudantes e a cultura* (1964), sobre a reprodução no sistema educativo, *Un art moyen: Essai sur les usages sociaux de la photographie* [Uma arte média: ensaio sobre os usos sociais da fotografia] (1965)², sobre a fotografia, e *O amor pela arte: museus de arte na Europa e seu público* (1969), sobre os museus e seu público, como o título indica. Esse projeto culminou em *As regras da arte* (1992), mas Bourdieu continuava escrevendo sobre Manet quando morreu em 2002.

“Não se deve falar poeticamente da poesia”. Esta é uma frase atribuída a Witold Gombrowicz, o grande escritor polonês que viveu mais de vinte anos na Argentina. Se aprovamos o que diz essa breve sentença, se acreditarmos que pelo menos nem sempre se deve falar poeticamente da poesia, parece menos provável que, em nome da literatura, resistamos a uma sociologia da literatura como a de Bourdieu, que não queria ser uma sociologia literária da literatura, mas uma sociologia científica da literatura. Bourdieu (isso é ainda mais visível em seus primeiros textos) evitava uma escrita literária. A própria palavra “escrita” (*écriture*), que, certamente, também é inevitável em francês, é uma palavra relativamente rara em seus escritos. A decisão de usar conceitos como, digamos, “subcampo da produção restrita”, para não falar da “objetivação do sujeito objetivante”, supunha de antemão uma renúncia a toda elegância. Muitas vezes foi acusado de determinismo, uma objeção que evidentemente procede do indeterminismo próprio da cultura literária. Todos lembramos do Foucault de “O que é um autor?” quando disse jamais ter empregado a palavra estrutura, e que seria inútil procurá-la em *As palavras e as coisas* (FOUCAULT, 2001). Bourdieu não sofreu a ansiedade de se retirar o mais rápido possível do estruturalismo assim que começou a perder prestígio. Pelo contrário, ele se desmarcou da lógica da moda própria da cultura literária.

Quero evitar mal-entendidos sobre o meu próprio ponto de vista a respeito das diferenças entre a cultura científica e a cultura literária. Lamento o nosso cientificismo. Lamento, por exemplo, que todas as revistas da faculdade em que trabalho, tenham passado, de repente, recentemente, a se chamar revistas científicas. Não sei se Bourdieu realmente acreditava que sua sociologia era científica. Nem sequer estou certo se sei o que significaria exatamente isso. O que estou dizendo ou tentando dizer é que Bourdieu sempre disse que sua sociologia era científica. A cultura literária não pode acusar a cultura científica de cientificismo, como acontece nas comuns acusações de determinismo dirigidas contra Bourdieu: estaria falando, na verdade, de si mesma. O que estou dizendo, resumidamente, é que, a menos que sejamos ou nos imaginemos cientistas, Bourdieu não era um dos nossos. Não jogava o mesmo jogo. Essa rara dupla condição de *intelectual cientista*, para voltar a unir essas duas palavras que se repelem, parece ser uma excelente fonte de mal-entendidos. Em Bourdieu a figura de cientista ficou na verdade oculta atrás da figura do intelectual.

“A sociologia da cultura é a sociologia da religião de nossa época”. Bourdieu disse essa frase em “Alta costura e alta cultura”, uma conferência que faz parte de *Questões de sociologia*. Bourdieu estabelecia uma relação de hostilidade com seus temas. Isso gera algo presente em toda a sua obra e que podemos chamar o efeito Bourdieu: a desmistificação, a dessacralização, ou, inclusive a profanação. No conceito de *illusio* poderíamos encontrar uma chave para pensar essa questão. Há outro conceito de Bourdieu que também parece ser chave: capital simbólico. Sabe-se que em Bourdieu, capital significa poder, e que existem muitos tipos de poder: econômico, cultural, social e etc. (De certo modo, os tipos de capital são inumeráveis, porque cada campo pode ser definido em razão de um tipo de capital específico). Contudo, há um tipo de capital que é diferente dos demais, o capital simbólico, que nomeia o que, na linguagem comum, denominamos prestígio, autoridade, reconhecimento, legitimidade. O poder simbólico é diferente porque, entre outras coisas, é mágico: transforma uma coisa em outra. Bourdieu o comparava com o milagre da transubstanciação na eucaristia, através do qual o pão e o vinho se transformam no corpo e o sangue de Cristo. O poder simbólico é o que permite levar a cabo atos de violência simbólica.

Como o poder simbólico tem efeitos comparados à magia, se estabelece uma divisão entre aqueles que o compreendem e aqueles que ficam presos na ilusão de sua magia. A *illusio* gera essa mesma divisão. A *illusio* é a crença (mais básica e menos visível) no jogo, nosso compromisso com o jogo, a crença de que o jogo vale a pena. Contudo, para entender o jogo é necessário sair da *illusio*. Outra citação de Bourdieu, desta vez de *As regras da arte* (1992):

Daí se segue que apenas se pode fundar uma verdadeira ciência da obra de arte com a condição de se afastar da *illusio* e de suspender a relação de cumplicidade e de convivência que liga todo homem cultivado ao jogo cultural para constituir esse jogo em objeto [...] (BOURDIEU, 1996, p. 261).

A sociologia de Bourdieu vinha desmistificar ou dessacralizar o mundo dos escritores (artistas), e esse propósito impunha que os escritores não entendessem o mundo literário tão bem como o entendia o sociólogo.³

Contudo, desde então, cabe se perguntar por que os escritores (ao menos alguns escritores), apesar do conhecimento direto e pormenorizado do mundo

literário em que se encontraram ou se encontram imersos, tropeçariam com tão graves limitações para conhecer e compreender as regras de seu próprio jogo. Por acaso o romance francês do século XIX não acumulou saberes sociais que justificaram reconhecê-lo como uma sociologia *avant la lettre*? Ou, para reformular a pergunta aplicada a um caso em particular, quais teriam sido as ilusões que impediram Balzac de compreender o mundo da imprensa, do jornalismo e da literatura na França em princípios do século XIX, quando escreveu, por volta de 1840, *As ilusões perdidas*?

Bourdieu precedeu *As regras da arte* com um prólogo consagrado à análise de *A educação sentimental*. Bourdieu reconhecia em Flaubert um sociólogo de si mesmo e do campo literário de sua época. Entretanto, acreditava que a clarividência de Flaubert era, melhor dizendo, a de um estilista que, distraído por suas obsessões formais, tinha alcançado verdades veladas para ele mesmo. O prólogo tinha como epígrafe uma frase do próprio Flaubert: “Não se escreve o que se quer”.

Em suma, talvez a científica sociologia de Bourdieu tenha subestimado saberes produzidos pelos escritores muito antes de que a sociologia se constituísse como disciplina, e talvez esta seja a principal crítica geral que possa se opor ao seu projeto – deixando de lado as críticas parciais, ou as críticas, quase sempre injustas, dirigidas contra o que fez ou deixou de fazer.

Pierre Bourdieu's sociology of culture: a science of discomfort

ABSTRACT

"Foucault, Derrida, Deleuze & Co." is a series that might lead one to think Bourdieu was not part of this group. However, beyond the labels (French Theory, French Philosophy, etc.), it is evident that Bourdieu was part of a prestigious Parisian theoretical canon, which we came to call simply, and without adjectives, "Theory." At the same time, he deliberately occupied an eccentric position within it. I would describe this canon as the canon of an avant-garde intellectual constellation that began in the 1950s but gained momentum in the 1960s, inseparable from the last French literary avant-garde, the *Nouveau Roman*, and the journal *Tel Quel*. I would also seek to explain Bourdieu's eccentric position through his relationship with philosophy (early in his career, he deviated from philosophy), but especially through his relationship with literature. Bourdieu was both part of and apart from Theory because his intellectual project was a scientific one.

PALAVRAS-CHAVE: Literary Theory. French Theory. Pierre Bourdieu.

NOTAS

1 - Traduzido pelo Núcleo Pío Baroja de Estudos da Tradução da UERJ. Tradutoras: Leticia Oliveira, Mahyra Campos e Tayna Valim. Revisão técnica: Wagner Monteiro.

2 - N.T.: Obra sem tradução para o português.

3 - De fato, a ética do incômodo invocada por Bourdieu em defesa do caráter científico de sua sociologia pertence muito mais ao jogo dos intelectuais que ao dos cientistas.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Trad. de Fábio Creder. Petrópolis (RJ): Vozes, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Trad. de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: _____. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Trad. de Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

SNOW, C. P. **As duas culturas e uma segunda leitura**. Trad. de Geraldo Gerson de Souza e Renato de Azevedo Rezende Neto. São Paulo: EDUSP; 1995. _____. **O ser e o evento**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Ed. UFRJ, 1996.

_____. **Logiques des mondes**: L'être et l'événement, 2. Paris: Éditions du Seuil, 2006.

_____. **A aventura da filosofia francesa no século XX**. Tradução: Antônio Teixeira, Gilson Iannini. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CULLER, Jonathan. **On deconstruction**: Theory and Criticism after Structuralism. Ithaca: Cornell University Press, 1982.

CUSSET, François. **Filosofia francesa**: a influência de Foucault, Derrida, Deleuze & cia. Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DERRIDA, Jacques. Some statements and truisms about neo-logisms, newisms, postisms, parasitisms, and other small seismisms. In.: CARROLL, David (Ed.). **The States of "Theory"**: history, art, and critical discourse. Nova York: Columbia University Press, 1990.

Recebido: 10 dez. 2024

Aprovado: 10 dez. 2024

DOI: 10.3895/rl.v26n49.19636

Como citar: PASTORMERLO, S. A sociologia de Pierre Bourdieu: Uma ciência do incômodo. *R. Letras*, Curitiba, v. 26, n. 49, p. 48-56, jul./dez. 2024. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

